

armas de que precisamos para lutar contra o derradeiro inimigo, a Morte, em seu próprio terreno. Isso colocará ao nosso alcance a imortalidade relativa: a extensão de uma vida humana útil e produtiva será medida em séculos, não em décadas. Será a Idade de Ouro da medicina, e poderíamos alcançá-la.”

Em 1967, Augustos B. Kinzel, então presidente do Instituto Salk para Estudos Biológicos, declarou para o prestigioso jornal *Science*, que deveríamos estar em condições de, em futuro previsível, abolir inteiramente a morte devida a causas naturais. “Eliminaremos por completo o problema do envelhecimento, de tal modo que os acidentes serão essencialmente a única causa da morte.”

Em diversos livros publicados durante esse período, surgem declarações otimistas sobre a conquista do envelhecimento e mesmo da própria morte. Em *Tempo, Células e Envelhecimento* (1961), Bernard Strehler, importante gerontólogo, pediu que fosse feito um esforço de âmbito nacional, no sentido de superar a velhice. Em 1962, o notável escritor, cujo assunto é a ciência, Arthur C. Clarke, predisse que conseguiríamos a imortalidade pelo ano 2.100.

Em 1964, apareceu um livro que logo acendeu um furioso debate e inspirou a formação de um movimento. Robert C. W. Ettinger, em *A Perspectiva da Imortalidade*, declara: “A maioria de nós, que ora respiramos, temos boa chance de vida física depois da morte ... a imortalidade (no sentido de vida indefinidamente prolongada) é tecnicamente exequível, não só para nossos descendentes, mas para nós mesmos.” A receita de Ettinger para a imortalidade era simples — diziam alguns que era simplista — e fundava-se no poder e nas promessas da pesquisa científica. Propôs que, na morte de uma pessoa, não a enterrassem ou cremassem, como convencionalmente se faz; o corpo deveria ser preservado por congelamento até que futuramente a ciência médica tivesse encontrado modo de curar o mal de que morreria. Poderia então ser descongelada e reanimada. Isso despertou a curiosidade do público e as sociedades criogênicas ficaram atentas. Algumas almas aventureiras investiram fundos que lhes permitissem, a elas ou a seus entes queridos, serem congelados após a morte.

Na comunidade científica, as propostas de Ettinger foram ignoradas ou desprezadas, com escárnio causticante. O argumento básico que apresentavam era que, dadas as técnicas presentes e imediatamente previsíveis, o próprio processo do congelamento determina danos irreparáveis aos tecidos do corpo. Portanto, asseveravam eles, ninguém agora congelado poderia ter qualquer razoável esperança de um feliz renascimento.

Durante meados e fins de 1960, uma onda de desilusão percorreu o país. O caso de amor com a ciência, que brotara durante a era pós Sputnik, havia-se tornado amargo à medida que o público se tornava cada vez mais consciente e alarmado com os problemas da poluição, da superpopulação e com outros, aparentemente frutos da ciência e da tecnologia. As predições otimistas começaram a ceder lugar a advertências e a profecias tenebrosas. Mesmos livros que relatavam detalhadamente as extraordinárias realizações da ciência e da tecnologia começaram a emprestar as atitudes dos profetas do Juízo

Final. Em *A Bomba-Relógio Biológica*, publicado em 1968, Gordon Rattray Taylor percebia implicações sinistras em muitas tendências da pesquisa moderna. Admitia a possibilidade da imortalidade — talvez de um século ou mais, no futuro — mas inclinava-se para um modo de ver semelhante ao de Sir George Pickering, quanto à extensão indefinida da vida: “Parece-me uma perspectiva aterrorizante ...”

Paradoxalmente, começou a surgir, no meio dessa onda de desilusão, uma avalanche de livros sobre a morte e as perspectivas de vencê-la, filosófica e fisicamente. Em 1968, Robert W. Prehoda, em *A Juventude Prolongada*, discutiu a história e as tendências modernas da pesquisa sobre o envelhecimento e solicitou a promulgação do prolongamento da juventude como uma meta oficial nacional.

Outros apelos no sentido de um maior esforço de âmbito nacional para vencer a morte — um programa do tipo daquele da viagem à Lua — formavam os principais temas de *O Projeto Prometeu*, de Gerald Feinberg e de *O Imortalista*, de Alan Harrington, ambos publicados em 1969. Harrington fez ressoar um veemente apelo às armas: “A morte é uma imposição à raça humana, e não é mais aceitável ... mobilizem os cientistas, gastem o dinheiro, dêem caça à morte como a um bandido”. Todavia, depois de uma análise da situação atual das pesquisas sobre o envelhecimento, Harrington foi obrigado a concluir, embora a contragosto, que a imortalidade, embora possa eventualmente ser conseguida, não virá em tempo para a nossa geração.

Durante a década de 1970, houve uma inundação de livros sobre a morte. Anteriormente um dos mais rigorosos tabus, a morte tornou-se recentemente uma espécie de obsessão, e discussões progressivamente francas sobre ela e suas ramificações invadem os jornais. Nos *campi* das escolas, surgiram cursos sobre a morte, que entraram em moda, inseridos na nova tendência no sentido da “relevância”. Uma quantidade de livros e artigos apresentam análises históricas e psicológicas sobre a morte, como fato e sobre as atitudes por ela suscitadas, sempre acompanhadas das habituais exortações à aceitação “madura” da inevitabilidade de nossa condição mortal. Todavia, houve também tentativas no sentido da possibilidade de imortalidade.

No livro de Desmond King-Hele, *O Fim do Século Vinte*, o autor declara que “A biologia ... sugere que o envelhecimento não é inevitável; ... um dia havemos de vencer o derradeiro inimigo”. Ele prediz que o mecanismo do envelhecimento será encontrado antes de 1990, e faz conjeturas sobre as prováveis conseqüências de tal descoberta, num mundo onde a imortalidade tenha-se tornado um fato.

O educador britânico Dean Juniper discutiu os possíveis meios de prolongar a vida, em seu livro publicado em 1973, *O Homem Contra a Mortalidade*, e citou um dos argumentos mais irrecorríveis, em favor da eventual exequibilidade da conquista da morte: “A luta será ganha pela excelente razão de que a brecha que separa o homem da imortalidade, no sentido físico, é finita e a capacidade de inovação do homem é infinita...”

Outro resumo das atitudes humanas para a morte, a imortalidade e os